

As metamorfoses de uma mulher que traduz romance latino: Petrônio e Apuleio em perspectiva feminina

Sandra Bianchet¹

Resumo: As versões para o português das obras *Satyricon*, de Petrônio, e *Metamorphoseon*, de Apuleio, dois importantes marcos em nossa carreira acadêmica de professora de língua e literatura latinas na UFMG, caracterizam-se como resultado final de diferentes experiências tradutórias, no tempo e no espaço, não só no que se refere ao processo de tradução em si mas também no que tange ao percurso que conduziu à publicação das traduções. Nosso objetivo, nas próximas páginas, é trazer à discussão aspectos relevantes de cada um desses contextos de produção de nosso trabalho como tradutora de um conjunto de obras conhecido como “romance latino”, com destaque para a (trans)formação da voz e da perspectiva femininas nos textos tornados públicos.

Palavras-chave: Petrônio. Apuleio. Romance latino. Tradução.

Introdução

A bordagens acerca de questões de tradução fazem parte de diversas obras da literatura latina, nos mais diversificados gêneros literários - o que não poderia ser diferente, se se pensar no papel central que a *imitatio* e a *aemulatio* assumem na produção literária em

1 Possui graduação em Letras (português-latim-alemão-inglês) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996) e doutorado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2002). Realizou estágio pós-doutoral junto à George Mason University, na Virginia (USA), em 2014-2015, em Literatura e Cinema. Atualmente, é professora titular de língua e literatura latinas da Universidade Federal de Minas Gerais e presidente da FUMP (Fundação Universitária Mendes Pimentel), instituição responsável pela execução da política de assistência estudantil da UFMG. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas, atuando principalmente nos seguintes temas: latim vulgar e romance latino. Publicou sua tradução do *Satyricon*, de Petrônio, em 2004, pela Editora Crisálida, e a das *Metamorfoses*, de Apuleio, em 2020, pela Editora Appris.

língua latina.

Terêncio (séc. II a. C.), em um dos seus prólogos programaticamente polêmico, ao se defender da pecha de “ladrão de argumentos cômicos”, sentencia que “em conclusão: não há nada a ser dito agora que não tenha sido dito antes” (TERÊNCIO, *Eun.*, 39-40).²

Horácio (séc. I a. C.), em seu poema didático *Epistula ad Pisones* ou *Ars Poetica* (vv. 268-269), por sua vez, preceitua ser imperioso voltar-se aos modelos gregos dia e noite, de modo que se possa, com base neles, produzir algo de bom em vernáculo: “Vós, os modelos gregos volvei com mão noturna, volvei com diurna” (HORÁCIO, *Ars P.*, 268-269).³

Concepção análoga apresenta-se no *Satyricon* de Petrônio (V, 9-16), quando o professor de retórica Agamênon recita em versos hexâmetros dactílicos:⁴

*Sed sive armigerae rident Tritonidis arces,
seu Lacedaemonio tellus habitata colono
Sirenumque domus, det primos versibus annos
Maeoniumque bibat felici pectore fontem.
Mox et Socratico plenus grege mittat habenas
liber, et ingentis quatiat Demosthenis arma.
Hinc Romana manus circumfluat, et modo Graio
exonerata sono mutet suffusa saporem.*

Mas se a cidadela de Minerva armada lhe sorri,
ou a terra habitada por Lacedemônio e a casa das
sereias,
que dedique os primeiros anos a seus versos
e beba da fonte de Homero com o peito aberto.
Em pouco tempo, saciado da grei socrática, que ele,
livre, solte suas rédeas

2 Original: [...] *denique nullumst iam dictum quod non dictum sit prius*. Todas as traduções deste artigo são de nossa responsabilidade, a não ser que expressamente indicada a autoria alheia. As abreviaturas das obras dos autores clássicos seguem as normas internacionais estabelecidas pelo *Oxford Classical Dictionary* (4ª edição): <https://oxfordre.com/classics/page/3993>. Mantivemos os nomes dos autores em sua versão portuguesa.

3 Original: *Vos exemplaria Graeca //nocturna uersate manu, uersate diurna*.

4 Para um estudo acerca dos poemas inseridos ao longo da narrativa do *Satyricon*, remete-se a Connors (1998) e Bianchet (2012).

e branda as armas do poderoso Demóstenes.
A partir daí, que possa fluir a mão romana e, libertada
do modelo grego,
altere seu estilo, regada de bom-gosto.
(PETRÔNIO. *Sat.*, V, 9-16).

Sêneca (séc. I d. C.), coetâneo de Petrônio,⁵ ocupado com questões de tradução dos conceitos filosóficos do grego para o latim, ao justificar a tradução que adota para o vocábulo grego *euthymia*, fazendo-o equivaler a *tranquillitas* em latim, assevera, em *De tranquillitate animi* (*Tranq.*), que não se deve transferir a grafia (*faciem*), a forma das palavras para o latim (*transferre uerba ad illorum formam*), mas a essência que estas evocam em grego (*appellationis graecae uim*).

Hanc stabilem animi sedem Graeci euthymian uocant, de qua Democriti uolumen egregium est, ego tranquillitatem uoco: nec enim imitari et transferre uerba ad illorum formam necesse est; res ipsa de qua agitur aliquo signanda nomine est, quod appellationis graecae uim debet habere, non faciem.

Esta sede do espírito, a respeito da qual há uma excelente obra de Demócrito, os gregos chamam de *euthymia*. Quanto a mim, chamo de *tranquillitas* [sc. tranquilidade]. Efetivamente, não é necessário imitar as palavras e transferir sua forma por proximidade, pois aquilo que elas representam é o que deve ser assinalado por meio de algum vocábulo, que precisa conter a essência da denominação grega, não sua grafia. (SÊNECA. *Tranq.*, II, 3, grifos nossos).

Com base nessas considerações e no entendimento da tradução como um processo de imitação, a produção de uma tradução apresenta

5 Considera-se aqui que o Petrônio que teria escrito o *Satyricon* seria o mesmo *elegantiae arbiter* mencionado por Tácito nos *Annales*, XVI, 18-20. Para discussão da 'questão petroniana', remete-se a Leão (1998, p. 19-31).

sempre este desafio: há que se volver ao texto primeiro, para, a partir daí, deixar fluir um novo texto que dialoga diretamente com aquele, pois que dele se engendra, mas que é, na verdade, um novo texto, pleno de vozes e significados em razão das escolhas ativas daquele ou daquela que traduz. É precisamente acerca desse desafio que se tratará a seguir.

Traduzindo o *Satyricon* de Petrônio para o português

A tradução do *Satyricon* de Petrônio, realizada ao longo do doutorado na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da professora e grande latinista Zelia de Almeida Cardoso, compõe o apêndice do trabalho investigativo, visto que se configurou como etapa instrumental à consecução da tese, cujo objetivo era analisar as escolhas linguísticas de Petrônio como instância de expressão do latim falado. Tomando como ponto de partida, entre outros, os estudos de Grandgent (1952) e Vännänen (1985) acerca da linguagem oral da *Cena*, procedeu-se à ampliação do estudo para que abarcasse todos os episódios, considerando que Petrônio, ao caracterizar suas personagens, seguia a lição de Horácio quanto à coerência da fala com o tipo social em caracterização,⁶ não apenas na *Cena*.⁷

A divisão tão bem delimitada de que os elementos de linguagem oral do *Satyricon* se encontram precisamente nos capítulos da *Cena Trimalchionis* e de que Petrônio utiliza a linguagem padrão exclusivamente nos demais capítulos se mostra demasiadamente simplista e extremamente geral, para ser aplicada ao *Satyricon*. Os estudos que propõem esta generalização se baseiam numa utilização seletiva

6 HORÁCIO. *Ars P.*, 114-118: “Importará muito se fala um deus ou um herói, se um velho maduro ou um fêrvido ainda na florente juventude, se uma matrona poderosa ou uma ama diligente, se um mercador errante ou um cultor de pequeno campo verdejante, um colco ou um assírio, um criado em Tebas ou em Argos”.

7 A analogia do romance latino com o gênero dramático da comédia ocorre em Macróbio, *In somnium Scipionis*, 1, 2 (séc. IV), que considera as obras de Petrônio e Apuleio como uma espécie de “comédia em prosa” (BIANCHET, 2006, p. 205-206).

de traços mais evidentes de linguagem oral, que pré-direciona a análise aos dados da *Cena Trimalchionis*. (BIANCHET, 2002, p. 270)

Sob essa visada, considerou-se cada uma das partes do texto como potenciais expressões do latim vulgar, não apenas o episódio conhecido como *Cena Trimalchionis*. Com o olhar voltado para as questões linguísticas do texto latino, por meio da oposição latim clássico e latim vulgar, foram catalogados e analisados os vocábulos e as construções presentes no texto por partes da gramática: fonética/fonologia, morfologia, sintaxe e léxico. Outra divisão importante para a análise foi o agrupamento de episódios em três conjuntos: episódios iniciais (1 a 27), episódios da *Cena Trimalchionis* (28 a 78) e episódios finais (79 a 141).

Os achados foram considerados relevantes para o conhecimento do registro oral da língua latina, mormente no que se refere aos desvios morfológicos e sintáticos, que, já no século I de nossa era, apontavam para a fixação da ordem de palavras, perda da marcação de neutro, redução dos grupos temáticos, entre outros fenômenos linguísticos característicos do processo de passagem do latim para as línguas românicas/neolatinas. Das conclusões do estudo, citam-se:

O levantamento sistemático dos elementos de linguagem oral ao longo de todo o *Satyricon* em diferentes níveis de análise resultou no mapeamento dos elementos de linguagem oral constantes na obra *Satyricon*, que teve diferentes resultados, segundo o nível de análise e o grupo de episódios levados em consideração. Através do presente estudo, foi possível demonstrar que:

a) as alterações fonético-fonológicas tidas como marcadamente características do latim vulgar não estão expressas no *Satyricon*. Foram identificadas apenas algumas ocorrências isoladas de formas populares, mormente no sistema vocálico e com mais

freqüência nos capítulos da *Cena Trimalchionis*, que podem ser associadas a um emprego intencional de Petrônio;

b) as alterações morfológicas apresentam padrões diferenciados para a morfologia nominal e para a morfologia verbal ao longo dos três grupos de episódios do *Satyricon*. Enquanto as alterações na morfologia verbal se estendem a todos os grupos de episódios, as alterações na morfologia nominal se concentram nos episódios da *Cena Trimalchionis*;

c) a linguagem empregada por Petrônio apresentou grande instabilidade em relação à instituição dos padrões sintáticos de fixação da ordem de palavras e de emprego de pronomes, sem que se pudesse associar esta instabilidade aos diferentes registros da língua apresentados na obra através dos três grupos de episódios. Identificou-se um período da língua latina que já sinaliza para uma marcação de base sintática, sem perda evidente da marcação de base morfológica;

d) o léxico do *Satyricon* apresentou uma caracterização popular através do emprego de helenismos e neologismos, cujo número de ocorrências aumenta consideravelmente nos capítulos da *Cena Trimalchionis*. O mesmo padrão não foi identificado para os vulgarismos e arcaísmos selecionados para análise, que possuem um emprego uniforme ao longo dos três grupos de episódios. (BIANCHET, 2002, p. 271-272)

Da perspectiva literária, destaque há de ser dado às inúmeras personagens femininas que ganham vez e voz ao longo da narrativa: Quartila, nos episódios iniciais; Fortunata e Cintila, na *Cena*; Trifena, Circe, Enótia e Proselenos, nos episódios finais. São vozes femininas, ainda que processadas pelo filtro masculino de Petrônio e Encólpio, reprocessadas

em perspectiva feminina na tradução.⁸

Defendida a tese em 2002,⁹ houve o imediato interesse de publicar a tradução do *Satyricon* pela Editora Crisálida, o que se concretizou em 2004, em edição bilíngue, com algumas alterações pontuais em relação à versão em apêndice da tese, e com a inclusão de um posfácio sobre o estudo principal do doutorado.¹⁰

Ainda que não tenha sido a meta principal da tese, a tradução do *Satyricon*, balizada pelas questões de natureza linguística do texto latino, surgiu como produto tradutório muito mais ocupado com o texto de partida, muito menos preocupado com as imbrincadas questões literárias do romance petroniano, em nada vinculado a versões pré-existentes do texto petroniano para o português: assim é a única versão da obra para a língua portuguesa feita por uma mulher,¹¹ além de ser a única edição bilíngue da obra trazida a público até aqui.

Traduzindo as *Metamorphoseon/Asinus aureus* de Apuleio para o português

A tradução das *Metamorphoseon* de Apuleio seguiu outro percurso e outras metas. Aqui, a baliza principal foram as preciosas informações da seção I, 1,¹² conhecida como prólogo da obra. Ao iniciar o registro de seus relatos, o narrador convoca seu leitor a seguir com ele, na certeza de que se divertirá com as histórias: *Lector, intende! Laetaberis!* Nesse sentido, algumas peculiaridades (ousadias?) foram assumidas na tradução: a

8 Para abordagem detalhada das figuras femininas no romance latino, remete-se a Bianchet (2023).

9 Texto completo da tese disponível em: https://www.academia.edu/26046012/Satyricon_de_Petr%C3%B4nio_estudo_lingu%C3%ADstico_e_tradu%C3%A7%C3%A3o.

10 A inclusão do posfácio acerca da investigação linguística rendeu o seguinte comentário crítico: “A excelente tradução de Sandra Braga Bianchet (também responsável por um breve e esclarecedor prefácio e um inútil, para o leitor comum, posfácio sobre gramática latina) mantém viva a narrativa de Petrónio [...]” (RUFFATO, Luiz. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 85, n. 27696, 30 jan.2005. Caderno 2).

11 Os catálogos de traduções da obra petroniana incluem, no Brasil e em Portugal, os seguintes tradutores: Claudio Aquati, Delfim Leão, Marcos Santarrita, Paulo Leminski, Miguel Ruas, Alex Marins.

12 Cf. KAHANE, A.; LAIRD (2001).

alteração do título para *As metamorfoses de um burro de ouro*,¹³ por meio da conjunção das duas formas pelas quais a obra é referida - *Metamorfoses*¹⁴ e *Burro/Asno de Ouro*¹⁵; a quase absoluta ausência de notas explicativas;¹⁶ a divulgação de trabalhos acadêmicos acerca da obra como posfácio;¹⁷ o emprego de vocábulos e expressões corriqueiros e referências intertextuais contemporâneas;¹⁸ a inclusão de um mapa, com a indicação das principais localidades citadas ao longo da narrativa (APULEIO, 2020, p. 261).

Realizada durante o período sabático 2014-2015, na George Mason University (GMU), sob a supervisão do latinista Martin Winkler, a tradução do romance apuleiano impôs a superação de uma série de desafios, entre os quais se destaca a intrincada rede de camadas narrativas com a qual Apuleio opera. Personagens narradoras são introduzidas ao longo de cerca de 80% da narrativa (livros I a VIII), cumprem o papel a elas destinado, qual seja, o de compartilhar histórias fantásticas e/ou eróticas, e não mais retornam, a exemplo de Aristômenes (livro I, 5-19) e Télifron (II, 21-30).

Essa série de histórias inseridas, que o próprio narrador rotula como *milesia* (APULEIO, *Met.* I, 1), possui uma especificidade: são histórias curtas, com unidade e consistência narrativas, que podem ser recortadas do contexto de inserção e lidas de maneira autônoma. Essa caracterização das fábulas milesianas, de resto já presentes também no *Satyricon* de Petrônio,

-
- 13 APULEIO. *As Metamorfoses de um burro de ouro*. Tradução de Sandra Braga Bianchet. Curitiba: Appris, 2020.
 - 14 O título *Metamorfoses* é usual em traduções da obra para o inglês (Cf. *Metamorphoses*, por J.A. Hanson; mesmo título adotado por R. May; ao lado de *The Golden Ass*, escolha de P. G. Walsh e Sarah Ruden).
 - 15 O romance de Apuleio chegou ao presente sob dois títulos: *Metamorphoseon e Asinus Aureus* (Cf. *sicut Apuleius in libris, quos asini aurei titulo inscripsit* - Agostinho de Hipona, *De ciuitate Dei*, XVIII, 18). Outras traduções da obra para o português, de Portugal e do Brasil, respectivamente, apresentam os títulos *O burro de ouro* (Delfim Leão, 2007) e *O asno de ouro* (Ruth Guimarães, 1963, reeditada em 2019).
 - 16 Consoante à baliza estabelecida, a tradução apresenta não mais do que três (brevíssimas) notas explicativas (em I, 1, para Quirites, na página 19; em IX, 33, estádio, na página 205; em X, 2, na página 214 para explicar a expressão 'saltar do soco para o coturno'), de modo que não haja interferência na fluidez da leitura do romance de Apuleio.
 - 17 "Sobre matronas, maridos e amantes: histórias de adultério nas *Metamorfoses* de Apuleio"; "Ficção e realidade na performance de Lúcio na Festa do Riso"; "A tessitura da narrativa de ficção em prosa latina: processos de apresentação e de representação do narrador e da matéria narrada no *Satyricon* e no *Asinus Aureus*" (Cf. BIANCHET, 2020, p. 263-290).
 - 18 Para um comentário crítico acerca de algumas dessas propostas, remete-se à resenha da tradução por G. S. Silva, disponível em acesso aberto em *Codex* - Revista de Estudos Clássicos, ISSN 2176-1779, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2022.

ainda que em número bastante menor,¹⁹ levou a que se acrescentasse uma inovação à tradução do romance apuleiano, trazida a público em 2020, pela Editora Appris:²⁰ um catálogo de histórias inseridas. O Sumário II (Histórias curtas inseridas ao longo da narrativa), reproduzido na sequência, pretende ser um localizador de contos pelas páginas da tradução que permita a leitoras e leitores fruir da (re)leitura de histórias específicas, alterar a sequenciação de episódios, aproximar e distanciar o maravilhoso e o erótico:

Sumário II – Histórias curtas inseridas ao longo da narrativa:

- 1- Aristômenes, Sócrates e as feiticeiras (I, 5-19)
- 2- O advinho Diófanes (II, 13-14)
- 3- Télifron, o sentinela de morto (II, 21-30)
- 4- A Festa do Riso (II, 32-III, 11)
- 5- A metamorfose de Pânfila em coruja (III, 21)
- 6- A metamorfose de Lúcio em burro (III, 24-27)
- 7- Aventuras e desventuras dos ladrões (IV, 9-21)
- 8- Psiquê e Cupido (IV, 28-VI, 24)
- 9- Aventuras e desventuras do ladrão Hemo (VII, 5-8)
- 10- O desfecho da história de Cárite (VIII, 1-14)
- 11- História de adultério: o escravo e a mulher livre (VIII, 22)
- 12- História de adultério: a mulher do artesão (IX, 5-7)
- 13- História de adultério: a mulher do moleiro (IX, 14-28)
- 14- História de adultério: a mulher do decurião (IX, 16-21)
- 15- História de adultério: a mulher do pisoeiro (IX, 24-25)
- 16- História de feitiçaria (IX, 29-31)

19 No *Satyricon*, encontram-se quatro fábulas milesianas: o lobisomem (61-62) e as bruxas (63) na *Cena Trimalchionis*; o garoto de Pérgamo (85-87) e a matrona de Éfeso (111-112) nos episódios finais.

20 Publicação realizada por meio de autofinanciamento, em função da longa fila de espera em outra editora, que assumiria os custos da publicação, mas *sine die*.

- 17- Histórias de prodígios e crimes (IX, 33-38)
- 18- Histórias de mulheres criminosas: a madrasta (X, 2-12)
- 19- Aventuras amorosas do burro com a matrona (X, 20-22)
- 20- Histórias de mulheres criminosas: a “serial killer” (X, 23-28)
- 21- Encenação do julgamento de Páris (X, 30-34)
- 22- A metamorfose do burro em Lúcio (XI, 13-15).

Atento a todas essas histórias – e, claro, à sustentação da promessa de diversão - está o narrador protagonista Lúcio, seja sob a figura humana, seja sob a asinina, que cede de muito bom grado a vez e a voz narrativa a outras personagens, pelo prazer de se tornar ouvinte de aventuras alheias, como registrado neste passo:

Immo vero inquam impertite sermonem non quidem curiosum sed qui velim scire vel cuncta vel certe plurima; simul iugi quod insurgimus aspritudinem fabularum lepida iucunditas levigabit. (APULEIO, *Met.*, I, 2)

Nem pense nisso! Compartilhem comigo essa conversa interessante - não que eu seja curioso, mas é que eu gosto de saber senão de tudo, pelo menos do máximo que conseguir; além do mais, o prazer proporcionado por histórias encantadoras aliviará a dificuldade do monte que estamos subindo.²¹ (Tradução nossa)

A estratégia de inserir personagens narradoras, que pode ser aproximada ao recurso próprio das tragédias clássicas de evocar a personagem do mensageiro, mantém-se ativa na narrativa do desfecho da história de Cáríte (VIII, 1-14). Destaca-se que, a partir do final do livro

21 Tradução publicada em APULEIO. *As metamorfoses de um burro de ouro*, I, 2.

VIII, no entanto, há uma mudança significativa quanto à atribuição de voz narrativa ao se introduzirem histórias para leitura divertida: todas as histórias inseridas nos livros IX e X são compartilhadas pelo próprio protagonista, que passa a registrar experiências das quais ele fora parte integrante, ou testemunha ocular/“auricular”.²² Destaque há de ser dado à complexidade de níveis de transferência da voz narrativa ocorrida no grupo de episódios de narrativas sobre adultério, em que se inserem duas histórias paralelas de adultério (a mulher do decurião e a mulher do pisoeiro) em meio à narrativa de um adultério em cujo desfecho o burro tem participação ativa (a mulher do moleiro). Trata-se de um fluxo narrativo marcado por intensas mudanças de personagens, cenário e narradores, com três níveis de transferência da voz narrativa, como neste passo: “Então foi você, seu miolo-mole imprestável, seu falsário!”^{23,24} Aqui se observam as seguintes camadas:

- nível 1 - do autor Apuleio para o narrador protagonista Lúcio;
- nível 2 - do narrador protagonista Lúcio para a personagem narradora velha alcoviteira;
- nível 3 - da personagem narradora velha alcoviteira para a personagem Mírmex, protagonista da história narrada.

Identifica-se na obra a existência de um processo acessório de aprendizagem da técnica de contação de histórias, que se integra ao percurso central de aprendizagem da personagem, cujo desfecho se registra no livro XI, quando a metamorfose em burro, ocorrida no livro III, 24-27, é finalmente revertida por intervenção da deusa Ísis, e a narrativa ganha

22 O emprego de “testemunha auricular” se justifica pelas muitas vezes em que o burro aponta que conhece a história, ou seus detalhes, por ter tido sua capacidade auditiva ampliada, em especial nos livros IX e X (Cf. “Que foi dessa maneira que o julgamento transcorreu, fiquei eu sabendo através dos muitos e variados comentários feitos sobre o assunto.” X, 7).

23 *At te, inquit nequissimum et periurum caput [...]* (APULEIO, *Met.* IX, 21)

24 Tradução publicada em APULEIO. *As metamorfoses de um burro de ouro*, IX, 21.

matizes de conversão religiosa²⁵. O narrador, porém, deixa claro que as experiências vividas enquanto burro valem ouro:

Nec inmerito priscae poeticae divinus auctor apud Graios summae prudentiae virum monstrare cupiens multarum civitatum obitu et variorum populorum cognito summas adeptum virtutes cecinit. Nam et ipse gratas gratias asino meo memini, quod me suo celatum tegmine variisque fortunis exercitatum, etsi minus prudentem, multiscium reddidit. (APULEIO, *Met.* IX, 13)

E não foi sem razão que o divino inventor da poesia antiga entre os gregos, ao desejar apresentar um homem de inteligência superior, cantou as virtudes também superiores que ele adquiriu em suas viagens por muitas cidades e contato com variados povos. A verdade é que também tenho lembranças agradáveis, dignas de gratidão, de meu tempo de burro: o fato de eu ter vivido escondido dentro dele, sendo acochado por sortes variadas, me fez sair de lá sabedor de muitas coisas, ainda que menos perspicaz.²⁶

Ao trazer a público uma nova tradução da obra romanescas de Apuleio,²⁷ dedicou-se a procurar manter, em língua portuguesa do Brasil, a promessa assumida pelo narrador de proporcionar o prazer por meio de histórias encantadoras do século II, desta vez a leitoras e leitores do século XXI, de modo que a leitura das milésias de Apuleio também lhes valesse ouro.

25 Cf. TEIXEIRA (2000, p. 23-29) acerca de posições da crítica quanto ao romance apuleiano: 1- romance de divertimento; 2- romance de apologia proselitica; 3- romance de estética psicagógica.

26 Tradução publicada em APULEIO. *As metamorfoses de um burro de ouro*, IX, 13.

27 A outra tradução completa do romance de Apuleio, também feita por uma mulher, grande latinista, professora Ruth Guimarães, foi publicada sob o título *O asno de ouro* em 1963, pela Editora Cultrix, e reeditada em 2019, em edição bilingue, pela Editora 34.

Considerações finais

Inegável é que a tradução se configura como um jogo de “perde e ganha”. No mais das vezes, não há como manter a polissemia, os jogos sonoros, as anedotas datáveis, as paródias e pastiches, entre outros recursos literários que acrescentam níveis interpretativos do e para o texto em latim. Com Berman (2007, p. 18), pode-se afirmar que traduzir é experimentar: “Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência”.

As diferentes experiências de tradução dos romances latinos aqui em comento, feitas pela mesma tradutora, demonstram que a abordagem proposta do texto determina e delimita o produto tradutório que vai a público. Seja ela de perfil acadêmico, seja diletante, a tradução diz muito sobre quem traduz, já que a todo momento as escolhas interpretativas individuais, ainda que técnicas, tomadas com base no conhecimento das línguas latina e portuguesa do Brasil, vêm para a superfície do texto em português, que, por sua vez, se abre para que, por meio delas, muitas outras escolhas interpretativas sejam feitas por leitoras e leitores das versões para o português de Petrônio e Apuleio.

Assim são os romances latinos publicados por uma mulher, mãe de quatro filhos, professora de latim em universidade pública e gratuita, tradutora de textos clássicos: todas essas vozes de Sandra Bianchet ecoam no *Satyricon* e nas *Metamorphoseon*.

Referências

APULEIO. *O Asno de Ouro*. Introdução e tradução de Ruth Guimarães. São Paulo: Cultrix, 1963.

APULEIO. *O burro de ouro*. Trad. Francisco António de Campos. Lisboa: Estampa, 1978.

APULEIO. *O burro de ouro*. Introdução e Tradução de Delfim Ferreira Leão. Lisboa: Cotovia, 2007.

APULEIO. *As Metamorfoses de um burro de ouro*. Tradução de Sandra Bra-ga Bianchet. Curitiba: Editora Appris, 2020.

APULEIUS. *The golden ass*. Translated by Sarah Ruden. Yale: Yale Univer-sity Press, 2012.

APULEIUS. *The golden ass*. Translated by P.G. Walsh. Oxford: Oxford Uni-versity Press, 2008.

BERMAN, A. *A tradução e a letra, ou O albergue do longínquo*. Trad. Ma-rie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Ja-neiro: 7Letras/PGET, 2007.

BIANCHET, S. M. G. B. *Satyricon, de Petrônio: estudo lingüístico e tradução*. 2002. 406 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/26046012/Satyricon_de_Petr%C3%B4nio_estudo_lingu%C3%ADstico_e_tradu%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 20 out. 2023.

BIANCHET, S. M. G. B. Irregularidades métricas e rebaixamento do poéti-co no *Satyricon*, de Petrônio. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 22, n. 1, p. 111-118, 2012. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.22.1.111-118>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18476/15264>. Acesso em: 20 out. 2023.

BIANCHET, S. M. G. B. O espaço do feminino nos romances latinos. In: SANTOS, E. C. P.; AZEVEDO, K. T. C.; SILVA, M. A. O. *O feminino na literatura grega e latina*. Teresina: EDUFPI, 2023. p. 432-453.

BIANCHET, S. M. G. B. Posfácio I e II. In: APULEIO. *As Metamorfoses de*

um burro de ouro. Trad. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet. Curitiba: Appris, 2020. p. 261-290.

CONNORS, C. *Petronius the poet: verse and literary tradition in the Satyricon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GRANDGENT, C. H. *Introducción al Latín Vulgar*. Traducción del inglés, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas, prólogo y una antología por Francisco de B. Moll. Madrid: Selecciones Gráficas, 1952.

HORÁCIO. *Epistula ad Pisones*. Tradução de Bianchet *et alii*. Belo Horizonte: Cadernos Viva Voz, 2013.

KAHANE, A.; LAIRD, A. *A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LEÃO, D. F. *As ironias da fortuna: sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*. Coimbra: Colibri/Universidade de Coimbra, 1998.

PETRÔNIO. *Satíricon*. Tradução e posfácio de Cláudio Aquati. São Paulo: Cosacnaify, 2008.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução e posfácio de Alex Marins. Introdução de Mário da Silva Brito. São Paulo: Martin Claret, 2003.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução e notas de Miguel Ruas. Introdução de Giulio Davide Leoni. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução, introdução, notas e posfácio de Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução, introdução, notas e posfácio de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

RUFFATO, L. Enfim, um romance pós-moderno. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo. Especial para o Estado. Caderno 2, Domingo, 30 de Janeiro de 2005.

SÊNECA. *De tranquillitate animi*. [S. l.: s. n], [1--]. Disponível em: <https://>

www.thelatinlibrary.com/sen/sen.tranq.shtml. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, G. S. APULEIO. *As Metamorfoses de um Burro de Ouro*. Tradução diretamente do latim por Sandra Braga BIANCHET. Curitiba: Appris, 2020. 295 p. Book Review. *Codex - Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-4, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i2.53620>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/53620/31128>. Acesso em: 20 out. 2023.

TEIXEIRA, C. *A conquista da alegria: estratégia apologética no romance de Apuleio*. Lisboa: Edições 70, 2000.

TERÊNCIO. *Eunuchus*. [S. l.: s. n], [2--]. Texto latino disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/ter.eunuchus.html>. Acesso em: 20 out. 2023.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al Latín Vulgar*. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

The metamorphoses of a woman who translates Latin novel: Petronius and Apuleius from a female perspective

Abstract: The Portuguese versions of the works Satyricon of Petronius and Metamorphoses of Apuleius, two important milestones in our academic career as a professor of Latin language and literature at UFMG, are characterized as the final result of different translation experiences, in time and space, not only with regard to the translation process itself but also concerning the path that led to the publication of the translations. Our objective in the following pages is to bring to discussion relevant aspects of each of these contexts of production of our work as a translator of a set of works known as “Latin romance”, with emphasis on the (trans)formation of the female voice and perspective in the texts made public.

Keywords: Petronius. Apuleius. Latin novel. Translation.